

Tia

Pressa! Era só nisso que Adélia conseguia pensar: pressa! Ai, como ela pudera perder a hora daquela maneira? Por que não prestou atenção às previsões do dia?

Complicava-se com as modernidades eletrônicas daquele carrão, nome japonês (ou coreano?) que ela não conseguia pronunciar direito, fazendo-o rugir como jamais ouvira acontecer sob o comando de algum de seus três motoristas, que se alternavam para servi-la a qualquer hora do dia ou da noite.

Deixou morrer o motor ao frear atrás de uma imensa fila de carros detidos por mais um sinal vermelho. Virou a chave e voltou a ouvir o ronronar suave da máquina importada. Fazia calor, uma noite abafada e poluída, mas Adélia não havia conseguido lidar com o ar-condicionado. Aquela geringonça não saía do “quente” e ela já havia desistido de apertar-lhe as teclas. O carro era comandado por computador, mas o que Adélia não conseguia era comandar o maldito computador. Pelo menos acionar o vidro elétrico tinha sido possível, mas de fora só vinha o bafo da noite da metrópole concretada e asfaltada.

Ah, se arrependimento matasse, Adélia cairia dura e fria ali mesmo, dentro do carro. Ele, capricorniano de A a Z, é claro que era bom de cama. Mas, ir ao motel com aquele garotão no fim de um dia em que Marte estava oposto a Vênus... bom, para ela tinha sido um erro fatal.

Fora, uma sombra miúda, algo suja e sem cor, surgia ao lado de sua janela, e Adélia ouviu uma vozinha, certamente feminina, provavelmente abaixo dos seis anos se ela tivesse se preocupado em calcular, que lhe estendia a pequenina mão:

– Tia, dá um trocado?

Automaticamente, Adélia travou as portas e premiu o botão do vidro elétrico, elevando uma barreira de vidro à prova de balas e isolando-se do olhar pálido da pequena mendiga.

Amarelo, verde afinal. Mas o trânsito estrangulado não se moveu. Um coro de buzinas ergueu-se, como se barulhos histéricos fossem algum tipo de “abre-te Sésamo” que efetivamente pudesse descerrar uma passagem milagrosa no meio da blindagem de aço e plástico que cobria o asfalto. Buzinou também, juntando-se à irritação dos congestionados como ela.

A noite era sem céu, como são as noites metropolitanas, mas feericamente transformada em dia pela profusão dos painéis de propaganda, que multiplicavam a já estupenda iluminação pública destinada às avenidas que levavam aos bairros murados da ponta da pirâmide social onde confortavelmente encarapitava-se a emergente Adélia.

Sua vida transcorria como a realização de seus desejos mais ambiciosos. O marido rico além dos sonhos, a segurança absoluta a cargo de musculosos guarda-costas, a criadagem numerosa, na bolsa de couro italiano todos os cartões de crédito sem limite de gastos, o casarão no bairro mais sofisticado, a piscina, a sauna exclusiva, as viagens por todo o mundo, os mais famosos hotéis nas suítes reservadas à aristocracia, o cofre recheado de joias dignas do colo moreno das preferidas do marajás do petróleo, tudo...

Conquistara tudo aquilo com um sorriso escandinavo, um par de longas pernas e um corpo sempre mantido em perfeitas condições. Para satisfazer a luxúria do marido? Não. Adélia sabia que comparecer a recepções coberta de diamantes, ouro e esmeraldas e vestindo as grifes mais famosas da Europa era o modo de o marido exibir o próprio sucesso: a ela cabia apenas exibir-se como uma vitrine de uma riqueza conquistada com impiedade e falta de escrúpulos, de modo a provocar inveja e admiração em pessoas cuja impiedade e falta de escrúpulos não alcançavam a eficiência do marido.

O príncipe provedor do seu conforto já se contentara com os dois herdeiros de praxe, nada mais pedia de seu corpo, e há tempos Adélia recorria aos serviços dos plebeus. Obter esses serviços naturalmente não era problema. A dificuldade era conseguir sair sem motorista e sem o par de guarda-costas. O marido pagava sólidos salários a meia dúzia de brutamontes para que não a largassem dia e noite fora da mansão murada. Não que especialmente estivesse preocupado com a segurança da esposa. O que ele não poderia admitir era ter seu nome alardeado em manchetes e ver-se obrigado a pagar alguma alta soma no caso de um muito provável sequestro da esposa. Assim, Adélia tinha de pagar adicionalmente aos seguranças para que, em determinados dias, ela pudesse sair sozinha, pilotando o carrão oriental rumo a sempre diferentes e distantes motéis. Afinal, não era exatamente assim que agiam suas amigas, as esposas dos milionários que compunham a roda social do casal?

Tudo ia bem até aquele dia, quando Adélia adormeceu nos braços do garotão que há meses mostrava-se satisfeito com os presentes e cheques de Adélia e a eles retribuía com competência, em matinês furtivas, quando Adélia podia despir-se de grifes, de joias e de aparências.

Mas o desgraçado era de Capricórnio! De Capricórnio!!! E a aventura vespertina resultara naquela noite sem céu, que encobria Vênus, numa conjunção astral que obviamente negava a possibilidade de uma conjunção carnal com Marte.

Dentro do carro trancado, o calor começava a abafar. Fora, ainda dava para ouvir a vozinha miúda, vinda do estranho olhar da menininha:

– Tia, dá um trocado?

O trânsito moveu-se por fim e o carrão deslocou-se junto, como a mais rica das vértebras de uma serpente infinita, ordenadamente enfeitada por lâmpadas vermelhas, uma serpente metálica de quem ninguém poderia determinar onde estava a cabeça e onde terminava o rabo.

Uma gota de suor brotou-lhe da testa e Adélia tocou o botão do vidro elétrico, abrindo a janela para diminuir o calor.

Estava sem maquiagem e mal conseguira pentear-se ao acordar no motel. Por que tinha pegado no sono? Como pôde permitir-se pegar no sono? Acordara sobressaltada, vestira-se com a maior pressa e saíra da suíte, lá deixando o garoto adormecido, sem pensar como seria estranho o rapaz sair a pé do motel. O que ela pensava era em chegar em casa antes do marido. Do contrário, como explicaria a saída sem motorista, sem seguranças? O que responderiam os empregados se o marido chegasse e tivesse a curiosidade de perguntar onde estava ela e por que tinha saído sozinha?

Uma desculpa. Se chegasse depois do marido, Adélia tinha de inventar uma desculpa convincente para ter saído de casa sozinha. Era essa sua ideia fixa enquanto tentava livrar-se do congestionamento.

Mais uma vez o trânsito travou no sinal vermelho. A seu lado, uma voz fina:

– Tia, dá um trocado?

O vidro foi novamente acionado e Adélia mais uma vez isolou-se dentro do forno em que o carro se transformara. Junto à preocupação com a chegada em casa, agora ocorria-lhe outra: sozinha, sem os seguranças, era alvo fácil para um assalto de esquina. Não era isso o que ocorria a toda hora na grande cidade? Não fora isso o que contara aquele famoso cirurgião plástico, numa roda de champanhe em uma *vernissage*, relatando a reconstrução que realizara no rosto da esposa de um banqueiro, dilacerado por um caco de vidro manejado por um pivete? Ela precisava tomar cuidado, acelerar no rumo de casa, mas o trânsito era o principal aliado dos ladrões de sinal.

Se, pelo menos, ela tivesse saído com alguém de Touro... É claro que tudo haveria de dar certo: Adélia não teria pegado no sono e àquela hora já teria chegado em casa e provavelmente estaria se produzindo para sair de novo para algum programa, mas desta vez na companhia dos seguranças, para assegurar a tranquilidade do marido.

Adélia não se dignara a olhar de lado para a pequena figura que lhe estendia a mão, mas teve a estranha impressão de que aquela menina era igual à anterior. Poderiam ser gêmeas, se Adélia não tivesse certeza de que todos os miseráveis se parecem.

A vizinha repetia, abafada pelo vidro:

– Tia, dá um trocado?

Por que não havia nenhum policial por perto? O que fazia a polícia, em vez de proteger os cidadãos da ameaça daqueles pequenos miseráveis? Em que o governo aplicava os impostos? Isso era realmente revoltante. Adélia prometeu a si mesma que falaria com a mulher do governador, na próxima recepção em que a encontrasse. Concluiu que, afinal de contas, sendo seu marido um dos principais financiadores do partido do governo, qualquer que fosse ele, alguma compensação ela poderia exigir.

O trânsito arrastou-se por mais um quarteirão, lento como se a serpente de lata tivesse acabado de devorar um boi. Parou de novo. As mãos de Adélia crispavam-se no volante e seu pé direito fez roncar o motor.

– Tia, dá um trocado?

Desta vez Adélia desviou o olhar para a esquerda. E teve certeza de que era a mesma menina que lhe dirigia o estranho olhar e estendia a mão, à espera do trocado.

Como seria isso possível? Bom, talvez, com a lentidão do trânsito, desse tempo para a menina percorrer o quarteirão a pé e reencontrar seu carro na próxima esquina. Mas por quê? Por que a menina faria isso?

O coração disparou-lhe no peito enquanto a mão apertava a buzina, loucamente. O que estava acontecendo? Por que a menina maltrapilha haveria de correr pela calçada, alcançando seu carro a cada sinal vermelho? O que ela pretendia?

Num repente, entendeu tudo: os bandidos usavam crianças para abrir o caminho. Atrás da menina frágil, na certa um grupo de selvagens haveria de atirar-se sobre ela, sem ligar para a multidão de carros que os cercava, pois ninguém socorre ninguém nas grandes metrópoles. No meio do congestionamento, Adélia estava só, indefesa, à disposição dos

criminosos!

Um alívio: o trânsito recomeçava a mover-se e Adélia conseguiu mudar de faixa. Abriu o vidro e pôs a cabeça de fora, pronta a pedir socorro ao motorista do carro ao lado. Mas nem chegou a pronunciar uma sílaba, pois o vizinho de congestionamento simplesmente fez subir o vidro e fixou o olhar à frente, como se ela não existisse.

Felizmente, o trânsito agora fluía um pouco melhor e seu carro pôde percorrer uma boa distância, a média velocidade. Pronto! Daquela armadilha ela estava livre. Seria impossível à menininha e a seus comparsas segui-la a pé.

Mais aliviada, por via das dúvidas Adélia tratou de tirar os anéis que lhe adornavam os dedos, o bracelete e o colar de ouro maciço. Jogou-os sobre o tapete do chão do carro e, com o salto do sapato, procurou empurrar as joias para debaixo do banco.

Mais uma vez o trânsito se estrangulava e seu carro foi detido em frente a um sinal vermelho.

Ao lado de Adélia, vinha a voz, fina como a corda si de um violino:

– Tia, dá um trocado?

O ar faltou aos pulmões de Adélia: era a mesma menina!

Impossível, ora, isso não tinha nenhum cabimento! Na certa era seu nervosismo que a fazia ver o mesmo rosto em todos os mendiguinhos que perturbavam os motoristas a cada esquina.

– Tia, dá um trocado?

Mas o rosto... o olhar estranho... ora, não poderia ser só sua impressão, estaria Adélia enlouquecendo?

O trânsito andou mais uma vez, e Adélia sacudiu a cabeça, espantando a impressão louca, certamente produto de sua ansiedade, do medo de chegar em casa e encontrar o marido antes de poder inventar uma desculpa cabível para a ocasião.

Enquanto dirigia, trancada no forno do carro blindado, procurava concentrar-se na criação da desculpa. Um divórcio estava fora de cogitação. A vida boa que ela tanto se esforçara por conquistar não poderia chegar ao fim só por causa de uma tarde de motel comprida demais, com o parceiro certo num dia errado. O que ela diria? O que ela...

– Tia, dá um trocado?

Parada ao lado do carro, olhos parados numa contemplação inexpressiva, a menina

estendia a mãozinha...

Os olhos de Adélia esbugalharam-se também. A menina era a mesma, a mesmíssima, ela tinha certeza. O que significa aquilo?

Em pânico, acelerou e tentou levar o carro para cima da calçada, abrindo um caminho para fugir à alucinação. Mas aquela seria uma manobra impossível. Ao lado da porta, do outro lado do vidro blindado, a menina continuava a estender-lhe a mão:

– Tia, dá um trocado?

Trancada, Adélia gritou, gritou com todas as forças de seus pulmões. Alguém! Alguém que a socorresse, que a livrasse do pavor daquele momento, alguém que...

Um milagre: como se seu grito fosse uma ordem, o trânsito desimpediu-se no mesmo instante e a avenida larga abriu-se frente a ela. E Adélia pisou fundo, roncando o motor e arrancando com desespero.

O milagre continuava: a avenida estava vazia, desimpedida, sem nem sombra de um carro sequer, sem nenhum pedestre nas calçadas.

Terceira, quarta, quinta marcha, e Adélia pôde ganhar uma distância mais do que confortável do que agora era um verdadeiro pesadelo. Respirou fundo, procurando controlar-se e diminuiu a aceleração até atingir uma velocidade mais razoável. Sentia-se um pouco mais aliviada quando se deteve frente ao próximo sinal vermelho.

Ninguém, nenhuma pessoa, nenhum carro a sua volta. Exceto uma menininha e um olhar estranho, uma mãozinha estendida e um pedido:

– Tia, dá um trocado?

O sinal virava para o amarelo e Adélia arrancou, desesperada, transtornada, sem pensar. Conseguiu cobrir mais de quinhentos metros e só reduziu a marcha três quarteirões depois, em mais um sinal vermelho.

E lá estava a menina, e lá estava o pedido:

– Tia, dá um trocado?

Adélia acelerava, corria, virava ora à esquerda, ora à direita, mas, a cada volta, a cada esquina, encontrava sempre a mesma menina, o mesmo olhar estranho, a mesma mãozinha e a mesma voz:

– Tia, dá um trocado?

Adélia suave em bicas, as mãos deslizavam molhadas pelo volante e ela chorava

em puro desespero.

Repentinamente, o carro dirigido por Adélia desembocou na avenida. Mas uma avenida absolutamente deserta, fantasmagoricamente vazia, infernalmente iluminada.

Ao lado, a voz da menina:

– Tia, dá um trocado? Tia... tia... trocado... tia... dá... dá... dá...

As lágrimas toldavam a visão de Adélia quando ela acelerou como um piloto de corrida, jogando-se na reta deserta da avenida, sob o som fantasmagórico de uma voz fininha, que se projetava por todo o céu da cidade:

– Tia... trocado... troco... dá... dá... dá! Tia... tia... tiaaaaaaaa!

O carro quase se descolou do chão e atirou-se como um mergulhador na direção de uma imensa coluna vermelha de concreto.

O primeiro policial que chegou à montanha de ferro retorcido em que se transformara o carro importado afastou de mau humor uma menina maltrapilha e suja, parada ao lado da janela do carro, de onde um rio de sangue escorria grosso para o asfalto.

– Sai pra lá, diabo!

Um ruído metálico ressoou no asfalto. A menina abaixou-se e recolheu a moedinha que deixara cair ao ser sacudida pelo policial.

Em seu rostinho inocente, pairava um sorriso perfeitamente satisfeito.

No céu, uma brecha da poluição permitia distinguir palidamente o planeta Vênus, mas Marte não era visível a olho nu.